

O MANEJO DA TRANSFERÊNCIA NA ONCOLOGIA E HEMATOLOGIA PEDIÁTRICAS

Autores: Bárbara de Mello Valente¹; Ana Beatriz Rocha Bernat (orientadora)²

E-mail de contato: barbaramellov@hotmail.com

1- Residente do programa multiprofissional em oncologia - área psicologia.

2 - Psicóloga do serviço de oncologia pediátrica do INCA.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva - INCA, nos anos de 2017/2018. Os sujeitos participantes desta pesquisa são crianças e adolescentes em tratamento nesta instituição, assim como seus familiares, que tinham como psicóloga de referência, a pesquisadora responsável pela pesquisa.

A partir dos atendimentos psicológicos realizados como residente foi possível constatar que, durante o tratamento nesta instituição, os pacientes pediátricos e seus familiares são abruptamente inseridos em uma rotina marcada por procedimentos dolorosos e invasivos, onde o diagnóstico oncológico representa frequentemente uma ruptura de planos e uma sentença que coloca suas vidas em risco. Durante as diversas etapas deste tratamento, devido ao funcionamento próprio da pediatria nesta instituição, é possível e desejável que esses pacientes sejam acompanhados por uma equipe de referência, onde laços poderão ser formados entre o paciente, seu entorno familiar e a equipe que cuida deles.

Observa-se que tais laços podem adquirir diferentes significados para as crianças e adolescentes acometidos pela doença, sendo possível que parcerias sejam formadas e que possibilidades sejam encontradas diante de rígidos protocolos que tendem a objetificação desses pacientes, fazendo-se necessário assim, um estudo sobre os manejos possíveis destes laços.

OBJETIVO

A partir do referencial psicanalítico, busca-se realizar um estudo sobre o conceito da transferência e questionar se e como este fenômeno se manifesta no contexto hospitalar, trazendo algumas considerações sobre a manifestação deste fenômeno entre os pacientes, familiares e os diferentes níveis de atuação profissional.

MÉTODO

A metodologia utilizada nesta pesquisa é o estudo teórico-clínico onde, a partir de uma exposição da obra de Freud, Lacan e seus comentadores sobre o conceito estudado, pode-se então articulá-lo aos fragmentos encontrados nos atendimentos psicológicos de rotina na pediatria, para assim fomentar a discussão sobre as formas de manifestação e manejos possíveis da transferência no hospital. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do INCA no dia 25 de Julho de 2017 sob o parecer de número 2.185.039.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inserido em uma instituição hospitalar especializada em oncologia, o psicólogo orientado pela psicanálise precisa construir um fazer psicanalítico possível dentro deste setting diferenciado que resguarde para o paciente um espaço de escuta sobre o seu desejo em um local organizado pelo saber médico.

Clavreul (1983) afirma que o discurso médico exclui o lugar do sujeito, sendo baseado em uma objetividade científica. Esse discurso médico pode ser assumido por qualquer profissional, não necessariamente médico, que imponha para o doente um saber que considera mais favorável para o paciente, retirando a possibilidade que o saber particular daquele determinado sujeito apareça.

É importante ressaltarmos a diferença do laço que se forma entre o paciente e o analista, e entre o paciente e outros profissionais. De fato, o tratamento impõe ao sujeito longos períodos no hospital, onde os laços afetivos construídos pelos pacientes e equipe são muito significativos, pois dependendo da valência deles podem contribuir para que a experiência do sujeito com a doença seja suportável ou não. Porém, o laço que o paciente estabelece com o analista possui um estatuto próprio, será recebido por este como eixo central para que se inicie o trabalho analítico com aquele sujeito. O que diferencia o analista é o manejo que será dado ao afeto (ou desafeto) a ele direcionado, que será tomado como uma relação de transferência.

O psicanalista no contexto hospitalar tem um papel delicado. Ao mesmo tempo que está inserido em uma equipe, e necessita trabalhar com o saber desses profissionais, deve também se apresentar em um outro lugar diante do paciente. Ao invés de se apresentar para ele com um saber prévio e de tentar encaixá-lo em algum protocolo, está interessado mais em escutá-lo. O analista traz com seu trabalho o que tanto falta ao sujeito adoecido em um hospital: o brincar, os jogos, a encenação, a escuta. Uma escuta sem direcionamentos prévios, que não quer ouvir apenas sobre sua patologia, mas sim sobre o que o sujeito quiser falar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão primordial que este trabalho proporcionou, está relacionada a importância do olhar sobre cada caso, pautado na singularidade desses sujeitos e seus arranjos familiares. Os casos mostram que, diante da realidade dura e limítrofe da doença, cada sujeito encontrará sua forma de vivenciar esse momento. Os fragmentos de casos apresentados na pesquisa expõem que talvez as parcerias criadas por esses sujeitos com a psicóloga e também com os outros profissionais, puderam auxiliar neste processo.

É possível afirmar após este estudo teórico-clínico que a transferência dentro de uma instituição hospitalar pode sim ser estabelecida e manejada. Mas questões relacionadas ao Sujeito Suposto Saber neste local ainda necessitam de um maior aprofundamento, podendo este ser um material importante para um possível estudo posterior.

Este trabalho reafirma que o encontro do paciente em um hospital com um psicólogo orientado pela psicanálise, pode resgatar o lugar do lúdico e da fala, permitindo que através do enlace transferencial crianças, adolescentes e familiares enderecem e elaborem suas questões, quando considerados como sujeitos que têm algo particular a nos dizer e a nos ensinar para além de seus corpos doentes.

REFERÊNCIAS

CLAVREUL, J. A *Ordem Médica - Poder e impotência do Discurso Médico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.